

Artigo / Article

Cartas de Haroldo Maranhão sobre Machado de Assis

Letters from Haroldo Maranhão about Machado de Assis

Paulo Alberto da Silva Sales 

Instituto Federal Goiano, Brasil

paulo.alberto@ifgoiano.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-9980-2561>

Recebido em: 31/05/2024 | Aprovado em: 20/11/2024

Resumo

A partir do estudo da carta como uma escrita de si que proporciona a criação de uma conversa com um ausente, que irrompe no cotidiano e que apresenta diferentes níveis de significado, examinaremos a presença de missivas na narrativa brasileira contemporânea *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis* (2004), do escritor paraense Haroldo Maranhão. Tendo como embasamento crítico-teórico os estudos de Foucault (2012), Haroche-Bouzinac (2016), Diaz (2016), entre outros estudiosos do gênero epistolar, veremos como a narrativa de Maranhão, por meio do uso de cartas fictícias, tende a criar a ilusão de registros cotidianos contextualizados, uma vez que sua prática permite examinar a consciência e os percalços dos últimos dias de vida de Machado ficcionalizado no enredo.

Palavras-chave: Cartas • Machado de Assis • Haroldo Maranhão

Abstract

Based on the study of the letter as a form of self-writing that enables the creation of a conversation with an absent other, breaking into everyday life and presenting different levels of meaning, we will examine the presence of missives in the contemporary Brazilian narrative *Memorial do fim a morte de Machado de Assis* (2004), by Pará writer Haroldo Maranhão. Grounded in the critical-theoretical studies of Foucault (2012), Harouche-Bouzinac (2016), Diaz (2016), and other scholars of the epistolary genre, we will explore how Maranhão's narrative, through the use of fictitious letters, tends to create the illusion of contextualized daily records, since its practice allows for an examination of the

consciousness and the challenges faced during the final days of the fictionalized Machado de Assis within the storyline.

Keywords: Letters • Machado de Assis • Haroldo Maranhão

Introdução

A carta isolada pode ser considerada testemunha de um estado de espírito, expressão de um objetivo preciso. Pode ser examinada por suas qualidades estéticas, pela vivacidade do estilo, pelas anedotas que contém (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 14)

As escritas de si – mais detidamente a autobiografia, a biografia, a carta e o diário – foram consideradas como gêneros menores por muito tempo quando comparados à literatura. Todavia, se pensarmos na vasta produção ficcional brasileira contemporânea, há numerosos exemplos de escritores que se valem da forma e dos elementos estruturantes dos gêneros intimistas para criarem, como bem destacou Sheila Maciel Dias (2004), “uma produção humana entrecortada de ficção”. As narrativas ficcionais, sobretudo do último quartel do século XX e das primeiras décadas do século XXI, se apropriaram de estratégias dos escritos intimistas, o que as tornou inespecíficas (Garramuño, 2014) e marcadas pelo hibridismo (Krysinski, 2012) de gêneros.¹ Por esta razão, perceberemos na configuração de uma boa parte dos romances brasileiros contemporâneos uma *mélange* (mistura) inclassificável de ficção com elementos dos gêneros confessionais, uma vez que o desejo desses escritos mistos seria, entre outras questões, o de “contar” (narrar) resquícios de subjetividade do passado no tempo presente. Por isso, tanto a literatura quanto os gêneros confessionais, mais especificamente a carta, valem-se de experiências humanas em tempos históricos marcados. Nesse estudo², veremos como as epístolas, por meio de seu poder ilusório, podem encurtar a distância e a ausência entre seus interlocutores, bem como elas podem, a serviço da narrativa ficcional, retomar, na contemporaneidade, o vulto de Machado de Assis na narrativa *Memorial do fim*, de Haroldo Maranhão.

¹ Achamos oportuno esclarecer que, embora sempre tenha existido a presença de cartas, diários e de outros escritos de si no amálgama fictício, na contemporaneidade, sobretudo com a morte do autor empírico (Barthes, 2004) para o nascimento do leitor crítico e do autor textual, feito a partir de biografemas (Barthes, 2005), a autoficção, a carta e outras escritas do eu ganharam bastante ênfase por meio da hibridação. Cf. “Autoficção e literatura contemporânea”, de Luciene Azevedo (2013), capítulo incluído na obra *Crítica literária contemporânea*, organizada por Alan Viola (2013).

² Parte das reflexões que apresentamos, ora em formato de artigo, foram retomadas e aprofundadas a partir das pesquisas contidas em nossa tese de doutoramento defendida em 2014, na Universidade Federal de Goiás, e de nosso primeiro estágio pós-doutoral (2017-2018), também realizado na UFG, no qual nos detivemos a examinar as interfaces das escritas de si (autobiografia, biografia, carta e diário) em romances brasileiros contemporâneos. Revisitamos nossos escritos e, a partir deles, produzimos este trabalho, no intuito de melhor apresentarmos uma reflexão sobre a relação híbrida entre a escrita epistolar na contemporaneidade e a sua relação com a narrativa ficcional.

1 A carta e o discurso dos ausentes

Acreditar que a carta possa ser o lugar de uma fusão é algo que se explica, então, pela ilusão poética, “ilusão de expressividade”, de acordo com a fórmula de Roland Barthes; a carta nunca é apenas um sucedâneo da presença, e só conseguirá rivalizar com esta por meio de suas capacidades poéticas. (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 110)

A crítica francesa Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), em seu estudo *L'epistolaire*, apresenta um panorama histórico que delinea os usos epistolares – tanto na historiografia quanto na literatura – desde seu surgimento até o tempo presente. A seu ver, as cartas são sempre, em diversos graus, “uma encenação de si” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 24), bem como, por sempre propiciarem um pacto entre os seus interlocutores, são “[...] quase sempre apresentada[s] como benfejeja[s], por gerar[em] uma ilusão, ilusão de presença, ilusão de diálogo, voz[es] recriada[s] no silêncio de uma leitura muda. Sua força é a da compensação: a expressão ‘mascarar a ausência’ é recorrente na escrita de vários correspondentes” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 105, grifos nossos).

O ato ininterrupto de escrever, no caso específico da carta, torna possível ao sujeito revelar-se, se expor e fazer aparecer seu próprio rosto perto de outro. Como bem reflete Foucault (2012), no espaço epistolar há a projeção dos sujeitos para um face a face, haja vista que a reciprocidade que a escrita epistolar proporciona está vinculada ao exame do olhar e da alma. O epistolário trabalha com a subjetivação do discurso verídico que, na percepção foucaultiana (2012, p. 156), apresenta a assimilação e elaboração como um bem próprio e, ao mesmo tempo, constrói uma “objetivação da alma”. Nesse sentido, a carta também pode se apresentar ao seu destinatário como um desenrolar da vida cotidiana. Na literatura, por exemplo, várias epístolas inseridas nos romances tendem a criar a ilusão de registros cotidianos contextualizados, uma vez que sua prática permite examinar a consciência nos detalhes da vida no papel, já que é fortemente marcada “pela interrupção, pela exigência de continuidade, pela pausa entre uma e outra carta, pela obsessão pelas cartas extraviadas e pela angústia do corte” (Piglia, 2006, p. 46).

Tendo como ponto de partida esses aspectos basilares do gênero epistolar, evidencia-se que a carta, por esses e outros motivos, apresenta muitas camadas de significados. Por se tratar de um modo de conversar com um ausente, “[...] a carta permite que as relações [entre o emissor e o destinatário ausente] sobrevivam”³, muito embora essa ilusão e esse deslumbramento se assentem em uma relva morta. Logo, a origem da correspondência é sempre uma ausência. A epístola, por propiciar o diálogo com um ausente, é uma forma de comunicação entre os sujeitos que está intimamente relacionada às questões histórico-sociais de sua época. Outrossim, a carta

³ Em seu estudo, sobretudo no tópico “Apagar a distância ou manter à distância”, Haroche-Bouzinac (2016) desenvolve uma reflexão a partir dos discursos dos ausentes que, em várias ocasiões, tornar-se um sinal insuportável de dor, haja vista que “sua própria existência, por si só, fala da dor, da separação” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 106).

é, por sua própria natureza, um “testemunho do indivíduo que [a] escreve, [um] testemunho do grupo social ao qual pertence ou tenta se integrar, bem como representação contínua de uma ordem social [...] [que] se encontra ‘na encruzilhada’ dos caminhos individuais e coletivos” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 25). Entre os muitos usos dessa escrita de si, a correspondência pode atingir as dimensões de outros escritos intimistas, já que a epístola “[...] investe-se de uma função diarista [e] é, ao mesmo tempo, crônica de uma vida e registro da alma” (Diaz, 2016, p. 88). Para escrever uma carta, então, é preciso preparação, dedicação de tempo e reorganização cognitiva do conteúdo a ser relatado, que pode variar de acordo com a periodicidade da epístola.

A prática de produção de epístolas tem como um de seus motes a função de clarear os pensamentos de quem as escreve, bem como de também tornar evidentes ideias de outrem para quem elas são enviadas. Nesse sentido, uma carta pode servir para organizar atos e criar memórias. Elas projetam tentativas de compreender trajetórias de vida. Se pensarmos nesse aspecto, percebemos o motivo pelo qual as correspondências se tornaram uma prática corriqueira entre os escritores, pintores, músicos e outros artistas, cujas cartas trocadas uns com os outros guardavam teor subjetivo e/ou mesmo continham aspectos explicativos de suas próprias criações. Sobre essa relação, vale a pena destacarmos a relação do escritor Franz Kafka com a sua produção epistolar. Em seu conto “O veredicto”, Kafka expressa o ato interrompido de escrever à Senhorita Felice B., que, na realidade, era Felice Bauer. Como destaca Piglia no seu estudo “Uma narrativa sobre Kafka”, as produções epistolares construíram, nas ficções kafkianas, diversas estratégias de leitura. Ademais, Kafka transforma, então, Felice Bauer “na leitora em sentido puro”, aquela que muda de vida a partir do que lê nas cartas e que, por essa razão, está imersa ao texto. A carta, então, possibilita o desnudar-se ao semelhante, muito embora haja caminhos sinuosos, já que, no bojo das correspondências, o “escrever é um resumo da vida, condensa a experiência e torna possível”. (Piglia, 2006, p. 51). É por esta mesma razão que Kafka também escreve diários: para sempre voltar a lê-lo, revisá-lo e para ler novamente as conexões que o eu não pode ver ou não viu ao viver. Só se entende o que está escrito num diário se o eu o viveu ou o está por viver. Ainda de acordo com Piglia (2006, p. 51), “narrar não serve para recordar, mas para tornar visível. Para tornar visíveis as conexões, os gestos, os lugares, as disposições dos corpos”.

Haroche-Bouzinac se detém, ainda, nos usos das cartas ficcionais, ou seja, aquelas que são compostas pelos romancistas, cujo bojo das missivas emaranha acontecimentos propulsores do enredo. Nesse quesito, a crítica francesa ressalta a importância da ruptura da confidencialidade epistolar como estratégia de desenrolar a ação ou de fazê-la progredir, ao passo que “é a perda de uma carta, ou sua descoberta por um terceiro, que [pode] precipita[r] as ações narrativas” (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 197).

Além do exemplo kafkiano, destacamos uma outra instigante produção epistolar do início do século XX, que servirá de inspiração ao romancista brasileiro contemporâneo Haroldo Maranhão, em seu romance *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis* – em que nos deteremos mais adiante –, que foi a troca de correspondências entre Machado de Assis e

Joaquim Nabuco. Esse montante de cartas foi, à época, organizado e editado por Graça Aranha e publicado, pela primeira vez, em 1923, por Monteiro Lobato. Em tais correspondências, encontramos importantes questões acerca do papel do intelectual e do escritor brasileiro no período compreendido entre o final do império e os primórdios da República Velha. Trata-se de um conjunto de 53 cartas, das quais 31 cartas são de Machado e 22 são de autoria de Nabuco. Essa troca de cartas teve início em 1865 e se estendeu até 1908, ano da morte do autor de *Dom Casmurro*. Machado de Assis, nas missivas, apresentava-se menos desinibido do que era no seu cotidiano com as outras pessoas – aspecto destacado tanto por Miguel Pereira quanto por Piza – e, nas cartas, foi quem mais se abriu. O conteúdo das cartas, na sua grande maioria, tratava de assuntos relacionados à Academia Brasileira de Letras (ABL). De acordo com Carvalho (2003, p. 12), na última carta que Machado enviara a Nabuco, em 1 de agosto de 1908, transparecia: “A academia vai andando; fazemos sessão aos sábados, nem sempre e com poucos”. Esses poucos, segundo informa Medeiros e Albuquerque em suas memórias, eram cerca de meia dúzia de acadêmicos. Na conhecida introdução de Graça Aranha à troca de correspondências entre Machado e Nabuco, percebemos, tanto no conteúdo das missivas quanto nas observações de Graça Aranha, a retratação dos aspectos históricos, políticos e literários, sobretudo àqueles ligados à formação e consolidação da ABL. Transcreveremos, na íntegra, uma das epístolas. Ela é de autoria machadiana e, como veremos, servirá de substrato para Maranhão no engenho ficcional do *Memorial do fim*:

18, Cosme Velho 10 – 3 – [18]99

Caro Nabuco,

Vai em carta o que não lhe posso dizer já de viva voz, mas eu tenho pressa em comunicarlhe, ainda brevemente, o prazer que me deu a notícia de ontem no *Jornal do Comércio*. Não podia ser melhor. Vi que o governo, sem curar de impossibilidades políticas, pediu a V. o seu talento, não a sua opinião, com o fim de aplicar em benefício do Brasil a capacidade de um homem que os acontecimentos de há dez anos levaram a servir a pátria no silêncio do gabinete. Tanto melhor para um e para outro.

Agora, um pouco de nossa casa. A Academia não perde seu orador, cujo lugar fica naturalmente esperando por ele; alguém dirá, sempre que for indispensável, o que caberia a V. dizer, mas a cadeira é naturalmente sua. E por maior que seja a sua falta, e mais vivas as saudades da Academia, folgaremos em ver que o defensor de nossos direitos ante a Inglaterra é o conservador de nossa eloquência ante seus pares. A minha ideia será cumprida, se eu ainda for presidente. Não quero dizer se ainda viver, posto que na minha idade, e com o meu organismo, cada ano vale por três.

Adeus, meu caro Nabuco, até à vista, e, desde já, um abraço cordial do

Velho am.º.

MACHADO DE ASSIS
(Aranha, 2003, p. 99)

Essa epístola machadiana releva uma faceta do Bruxo do Cosme Velho para além do labor ficcional, uma vez que sempre esteve preocupado com as questões políticas e sociais de seu tempo, bem como com o andamento das atividades da ABL. Percebemos, então, que a revelação das intimidades é uma das funções primeiras das cartas. Nessas correspondências entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, certamente, podemos conhecer um pouco dos aspectos biográficos e críticos de Machado e de Nabuco. Para Peter Gay (1999), a prática da

escrita de cartas e de diários no Brasil recebeu influência direta da Inglaterra. Gay cita, ainda, as correspondências de Voltaire, Lord Chesterfield e Horace Walpole (p. 339). Há, também, referências a Goethe, a Jane Austen, a Lord Byron, entre outros. Nessas correspondências, havia apetite em abandonar a discrição costumeira na Inglaterra vitoriana para alimentar o individualismo, uma invenção moderna. No século XIX, por outro lado, as cartas e os diários deixam de ser um documento, um tratado social e passam a ter caráter individual, introspectivos e rico em aspectos que a chamada história das mentalidades iria resgatar. Importante ressaltarmos também que as cartas “representavam uma forma segura de superar as barreiras da reticência burguesa” (Gay, 1999, p. 354).

Nesse sentido, as cartas tornam acessíveis as intimidades e mostram as experiências íntimas dos sujeitos que as escrevem. Elas possibilitam clarear as ideias e marcam um tempo específico aos seus autores. Na literatura, especificamente no gênero romanesco, a narrativa ficcional sempre apresentou esses gêneros intimistas aos seus discursos. Os limites das formas dos gêneros confessionais – que já eram muito tênues – no romance contemporâneo tornaram-se ainda mais fluidos, chegando ao ponto de se autoquestionarem enquanto tais. A fim de vermos um exemplo dessa hibridação entre as estratégias da carta com o amálgama fictício, nos valeremos do romance *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis*, do escritor paraense Haroldo Maranhão, publicado em 1991.

2 “Não estar só”⁴

8.08.[19]05

Joaquim Nabuco é uma pessoa muito alta. E tem estima especial pelo nosso mestre. Todos se curvam diante do nosso mestre. Devemos tratá-lo com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária no oásis.

Deus! Esta frase eu gostaria de haver escrito. Aspas, pelo santo nome de Deus. O autor é o fino homem que é o diplomata Joaquim Nabuco. Preciso descobrir o sentido mais profundo do presente tão original e delicado; o do tal galho do tal carvalho do tal Tasso (Maranhão, 2004, p. 168).

A narrativa brasileira contemporânea *Memorial do fim* pode ser lida de diversas formas, a começar por ser uma “suposta” conclusão de *Memorial de Aires* (1907), bem como por apresentar-se como uma narrativa de cariz biográfico-ficcional de Machado, sobretudo em seus últimos dias de vida. Entretanto, o romance é especular e apresenta inúmeros jogos intertextuais, ao passo que se vale de elementos das escritas de si, sobretudo das cartas. Como leitores, devemos desconfiar de tudo e de todos os personagens multifacetados no texto de Maranhão que, muito embora remetam aos romances de Machado, não são do autor fluminense. Isso porque “a outra, amantíssimo leitor? Supondes vós? A outra? Quem verazmente foi a outra? D. Carmo, a outra, desdobramento do outro, do cauto Conselheiro Ayres? Do Sr. Aguiar? Ou a outra seria Fidélia que não era Fidélia, e que entretanto foi Fidélia?” (Maranhão, 2004, p. 16).

⁴ Maranhão (2004, p. 143).

Por meio dessa passagem, já constatamos a presença de referências de várias obras de Machado que são embaralhadas no discurso plurilinguístico do romance que é, ao mesmo tempo, autoconsciente, autorreflexivo e convoca o leitor a jogar e montar o quebra-cabeça. O *puzzle*, como destacaram outros críticos da obra de Maranhão, é uma imagem importante para nos remetermos a essa ficção. Ela retoma o espectro de Machado de Assis nos anos 1990. Esse texto fictício apresenta elementos metaficcionalmente juntamente à reinserção de cartas no enredo da trama. Vejamos, então, alguns exemplos.

A focalização mordaz e niilista de Machado de Assis é realizada no ano de sua morte: 1908. E a fabulação de Maranhão cria um heterocosmo de signos nos quais os significados são desprovidos do sentido primeiro e passam a funcionar como “significantes dos significantes” (Derrida, 2005). Por esse motivo, Machado de Assis é o Conselheiro Aires que é o Aguiar e que é o Bruxo do Cosme Velho também e, ao mesmo tempo, ele é uma síntese e uma mescla de seus personagens que reaparecem e cruzam consigo no enredo por meio dos recortes e das emendas textuais e pastiches da obra ficcional machadiana. Em meio a tudo isso, a presença da morte e do tom biográfico que tenta “recontar” os derradeiros dias do escritor fluminense são problematizados pela escritura especular que põe em xeque o realismo do século XIX ao refletir sobre a própria escritura do romance, tal como Machado de Assis o fizera em grande parte de sua obra madura, principalmente em *Esau e Jacó*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e em *Memorial de Aires*.

A ambientação inicial presente no primeiro dos cinquenta e quatro capítulos da narrativa de Maranhão já instaura o impasse das misturas. Intitulado como “Dona Marcela”, esse capítulo primeiro é iniciado pela frase “nunca me há de esquecer este dia”. Logo em seguida, o narrador insere a figura de José Veríssimo de Matos, que era um grande amigo de Machado de Assis e que esteve presente em vários momentos da vida deste, como bem apontaram Miguel-Pereira (1988) e Daniel Piza (2008). Até aqui, três problemas são detectados: a presença da ficção machadiana dentro da ficção de Maranhão e a articulação de uma personagem biográfica e histórica inserida e aliada ao heterocosmo fictício. Para problematizar ainda mais e destruir as ilusões referenciais, a voz narrativa apenas destaca a presença desarticulada de José Veríssimo que fora visitar o “semimorto” e passa, no mesmo momento e ao mesmo tempo, simultaneamente, a discutir questões de ordem metaficcional à maneira Shandiana:

A casa do morador sozinho havia alterado as práticas, que vinham do ministério Zacarias. A questão atinha-se ao descimento da escada. Descer e subir escadas é assunto manso; é deliberação visceral que tange raías inauditas. Subir escadas, descê-las, é matéria para um tomo ou dois, e não para linhas distraídas de um capítulo. Só se descem escadas após repensadas reflexões, e a decisão é uma decisão que transcende os máximos limites (Maranhão, 2004, p. 12).

Junto a esse aspecto aberto e híbrido, a ficção de Maranhão apresenta múltiplas vozes que revezam a condução da narrativa (José Veríssimo, Machado de Assis/Conselheiro Ayres/Aguiar, Leonora/Hylda/Marcela/Fidélia, Mário de Alencar, Joaquim Nabuco, além de outras vozes não identificadas) que participam da construção do jogo, tornando-o mais propenso à criação de simulacros. Essas estratégias criadas pelas vozes no decorrer da trama favorecem ainda mais a especulação da multiplicidade de versões do conhecimento histórico restituído pelo romance.

Memorial do fim recria traços e *flashes* do prosador fluminense por meio de uma tonalidade irônica na medida em que o “bruxo” do Cosme Velho prova do seu próprio veneno. Tais peripécias ocorridas no cenário principal da diegese, o leito de morte, é a linha “biográfica” que conduz o eixo narrativo. Nos entretempos que se abrem no texto, os personagens Medeiros de Albuquerque, Dr. Mário de Alencar, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, o Conselheiro Ayres (Machado) e Leonora (Hylda/Marcela), que trocam segredos e os compartilham com o leitor, dão movimento ao romance. O conteúdo de tais cartas não passa de assuntos menores, visto que, sua principal função era informar a situação na qual se encontrava Machado. Há, também, nas cartas, jogos de espelhamento entre personagens ficcionais e reais, como consta na primeira carta que José Veríssimo enviara a Medeiros. O capítulo III, intitulado “Uma carta”, datada de 25-09-1908, José Veríssimo informa a situação calamitosa do escritor:

Meu querido Medeiros, Deixei nosso mestre indisputado nem pior nem melhor. A doença não estagnou, e nem vejo como possa estagnar. Deus? Medeiros: Deus existe? Qual de nós acredita? O Mário? O Graça? O Lúcio? O Rodrigo? O Nabuco acredita, mas está em Washington, e além do mais Deus não fala inglês. A doença avança devagar; mas sempre avança, e quem saberá se mais devagar realmente? Que sabemos dos organismos vivos e esfaimados que nos roem internamente? A medicina foi além do impossível. O Couto, pobre dele, ignora como proceder para lhe aplacar os padecimentos. Tenho meditado sobre como o querido enfermo resiste aos ataques dolorosos, com que armas. No xadrez e no gamão perde-se em cóleras, segundo me revelou um sobrinho do Smith Vasconcelos, cuja casa frequentou com a Dona Carmo. Não aparenta mas é homem de explosões ainda que ocasionais. E a ira, te pergunto, não valerá, nas dores que o Couto diz serem cruéis, como elmo ou carapaça de ferro? Em dados momentos acredito que desfaleça. Será a ausência, agravando-lhe o fim? doença sobre doença, o mal maior sobre o menor; e nem saberá qual o menor e qual o maior, que um, enfim, humilha mas não mata (Maranhão, 2004, p. 19).

O tom sarcástico e jocoso ao se referir ao cristianismo e, ao mesmo tempo, o ar de comocção ao enumerar os pormenores da situação do mestre Machado empregado por José Veríssimo deixam a epístola com um caráter dúbio. O assunto continua e o remetente começa a dar pistas sobre consolações que o escritor havia recebido de “Dona Carmo”. Em seguida, Veríssimo informa sobre a recente publicação do *Memorial de Aires* por intermédio de Fidélia, uma figura enigmática que a voz narrante tenta desvendar a partir de mecanismos de jogos de linguagens e espelhamentos.

Veríssimo, ao escrever a carta, toma a voz narrativa e assume o papel de criar situações simulativas na configuração dos personagens. Marcela, por exemplo, é uma personagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas* que no jogo criado pelo narrador passa a ter a fisionomia de Fidélia. Essa provocação com os nomes tem uma explicação na vida real de Machado de Assis, já que, para alguns biógrafos, o autor de *Dom Casmurro* nutria amor a uma moça misteriosa. Mas, como mesmo demonstra a ficção, nunca se esquecera de sua esposa Carolina, que modelou a figura de D. Carmo de *Memorial de Aires*. É de suma importância lembrar que, no enredo desse último romance machadiano, há a presença da personagem Fidélia, a viúva Noronha, que tinha como pais adotivos o casal de idosos D. Carmo e Aguiar. Assim, as personagens metamorfoseiam-se em seres do universo ficcional que se espelham em figuras reais para, como mesmo dissera Veríssimo, simular uma realidade, na contingência de que “a escritura não é repetição viva do vivo” (Derrida, 2005, p. 86).

Dando “um salto, dois saltos, alguns bons saltos” (Maranhão, 2004, p. 23), no capítulo XVIII, “Pó do pó”, o leitor depara-se com outra epístola endereçada de Washington na data de 12 de setembro de 1908, escrita por Joaquim Nabuco e endereçada a Graça Aranha. O conteúdo também discute a situação quase fúnebre que acolhe o “Conselheiro Machado”. Logo em seguida, há outra carta assinada por Mário de Alencar que partia do bairro da Tijuca e endereçava-se a Medeiros. O assunto, evidentemente, era a dor de conviver com as péssimas notícias a respeito do “Conselheiro Ayres”, visto que todos os seus amigos o admiravam. No livro de correspondências real entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, organizado por Graça Aranha, destacamos uma epístola de autoria machadiana de 1907 que já revela seu caminhar para o outro mundo:

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1907

Meu querido Nabuco,

Esta carta é breve, o bastante para lhe dizer que todos lembramos de você, notícia ociosa. O Veríssimo escreveu, a propósito do seu livro das *Pensées Détachées*, os dois excelentes artigos que V. terá visto no Jornal do Comércio, para onde voltou brilhantemente com a Revista literária. Fez-lhe a devida justiça que nós todos assinamos de coração. A minha carta, aquela que tive a fortuna de escrever antes de ninguém, era melhor que lá tivesse também saído.

Aqui vou andando, meu querido amigo, com estas afeições da velhice, que ajudam a carregá-la. Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho, e acabarão de morrer caladas.

Estou certo que você achou todos os seus em boa saúde, e ansiosos de ver o seu amado chefe. Peço-lhe que lhes apresente os meus respeitos, e também me recomende ao am.^o Chermont. Não lhe peço que se lembre de mim, porque sei, com ufania e gosto, que nunca se esqueceu, e sempre quis ao seu

Velho adm. e grato amigo

MACHADO DE ASSIS
(Aranha, 2003, p. 141-142)

Mesmo no tom simpático e acolhedor percebido nesta missiva machadiana enviada a Nabuco, não deixamos de perceber partes que expressem a melancolia e o riso entristecido do autor de *Brás Cubas*. Maranhão, certamente, teve acesso às cartas trocadas pelo escritor e pelo veemente pensador político em tempos da formação e fortalecimento da república brasileira e da “república” das letras. Semelhantes na forma, mas um pouco modificadas ao fundo, são as criações das cartas fictícias que Maranhão articula no discurso do romance. No capítulo XLVIII, “Pinga-se o ponto final”, por exemplo, Maranhão cria uma correspondência entre os amigos Mário de Alencar e Medeiros, datada de 29 de setembro de 1908, exatamente o dia da morte de Machado de Assis. Nesta carta, há o desatamento de nós que, até então, não haviam sido esclarecidos ao leitor. Mário de Alencar refere-se à figura de Leonora, que não atendia pelo nome de Marcela Valongo e que nunca teve a intenção, segundo Mário, de ocupar o lugar da sempre amada e querida D. Carolina. A criada Jovita havia sido consultada por Dr. Mário para ajudá-lo a desatar os nós que, quiçá, estavam longe de serem desfeitos.

O capítulo antecessor ao XLVIII, “Diários são história”, composto por páginas de um diário que tem início no dia 31 de julho de 1905 e se encerra em 1º de setembro de 1908,

representa uma nova modalidade discursiva que é incorporada pelo romance e que se faz imprescindível para dar prosseguimento à narrativa. Na verdade, para que se entenda o motivo da inserção de tais páginas no esqueleto do romance, é necessário voltar-se para as informações fundamentais do capítulo XLVI, “Jovita! Maria! De Araújo!”, referência à personagem homônima. Nesse capítulo, a instância narrativa – não identificada – fornece pistas ao leitor que, por uma ocasião ou outra, se distraiu no decorrer da narrativa e não se lembrava de quem foram Jovita Maria de Araújo e Leonora. Em relação à Jovita, a voz reafirma que era a criada do Conselheiro que mais se afeiçãoou à Leonora.

Há a exposição de um diálogo entre ambas no qual Leonora entrega a Jovita um embrulho contendo um maço de papéis, cujo dorso trazia o nome “Jovita Maria de Araújo”. Esse ato ocorreu no último dia de vida de Machado de Assis e Jovita entendeu o referido gesto como um ato de confiança e, sem hesitar, aceitou o embrulho. Quanto ao destino de tais manuscritos, sem uma explicação plausível, a instância narrativa que antes conduzia a trama revela-se, no mesmo capítulo, como o narrador/autor da escrita do romance. É um dos raros momentos nos quais o próprio Maranhão, autor, se manifesta no enredo. Na tentativa de informar o seu leitor sobre o destino do embrulho, ele narra:

Para encurtar o conto começado na cozinha do Conselheiro, revelo que a papelada pertence hoje ao autor deste romance. Araújo e Araújo depois, o manuscrito veio a ter em minhas mãos. Excede cem laudas; para ser exato, cento e dezessete laudas. Gastaria não um capítulo mas um tomo, se me obrigasse a editar a história que poderá chamar-se DIÁRIO DE LEONORA. São páginas escritas por uma jovem atônita e apaixonada. Jovens são dados a ferveores de sangue e de alma. Hoje, quem as ler não saberá quem foi ela; nem ele. Leonora nem Leonora foi, e hoje é pó, ou nem mais pó. Ayres são Ayres e Aguires são Aguires, multidão deles. Têm valor? Nenhum? A boa Jovita Maria de Araújo, a distinguida legatária, tentou ler algumas páginas, que iam além do seu entendimento, e só as folheou; guardou-as trancadas. Um filho da Jovita fez o mesmo; e conservou o espólio em honra da mãe, num baú de flandres. Mais Araújo sucederam-se, e os papéis permaneceram recolhidos com zelos que não teriam em Bibliotecas Públicas, onde manuscritos são tratados a chutes e bofetes, presumo que de zombaria. A história é comprida e pálida; e não me anima a levantar a descendência de Jovita. Afirmei acima precisar escrever não um capítulo mas um tomo, ou dois, porque saboreio sem pressa os pormenores. Papéis têm destino como os humanos têm. O destino do manuscrito de Leonora seria a velhice e o perecimento do almoço; não seria lido, nem manuseado, mas soprado. Veio dar à minha mesa. Como? Caprichos! De quem? Ora! Pronto. Foi assim. Devo conservá-lo comigo certamente; e publicar, e só, como publicarei, páginas desgarradas (Maranhão, 2004, p. 164-165).

Nesse trecho dessa escrita de si, a personagem transcreve os momentos singulares que passou junto do seu mestre, bem como menciona notícias corriqueiras e descrições perniciosas de Machado para com seus amigos mais íntimos. Há considerações sobre a hombridade de Joaquim Nabuco, apontamentos sobre passeios e divertimentos entre ela e o Conselheiro, mas o assunto de maior delonga é seu amor e admiração pelo romancista. E, mesmo se tratando de uma página de diário, Leonora, que por ora apropria-se da voz narrativa, já quase na metade dos fragmentos do diário, em 23 de dezembro de 1906, assume a condição de uma espécie de *Joker* (Derrida, 2005, p. 37-38) que, tendo em vista os significantes disponíveis, assim como uma carta neutra, dá jogo ao jogo, apoiando-se nos signos Aguiar/Ayres/Leonora. Vejamos:

1908 21.12.[19]08

O ano começa com uma pontinha de tristeza. Não verei o Ayres esta tarde. Recebi um bilhete que sempre é um raiozinho de sol ou do sol.

“Leonora”.

“Mando-lhe uma flor de vento das matas de Águas Férreas. Pensei num bogari: mas ele chegaria já murcho às suas mãos. Flor de vento não precisa de chão, nem de água. Você ou põe nos cabelos, ou num vaso d'água... de brisa.

“Até logo mais, no dia nº 2 do ano.

“O seu

“A. (Aguiar ou Ayres, conforme preferir.)”

Eu prefiro A. de Assis.

[...]

24.04.[19]08

Diz-me Ayres que tem amigos fiéis, e que estes são a sua família. Dois ele destaca, o Mário e o Azevedo. Ao primeiro conheço de vê-lo na Biblioteca da Câmara. Ele me ignora porque não presta atenção nos mortais. Só fala com os deuses. O meu querido me confidenciaria que ditíssimo Mário o teria visto “abatido e desalentado”, e desejava levantar-lhe a alma! Pois não o vejo assim. Abatido? Desalentado? Só me fala de assuntos gaios; conta-me anedotas, e volta e meia faleme de um Azevedo que trabalha com ele no ministério, um que é muito gordo e patusco. Ora, ora, levantar-lhe a alma! A alma anda esplêndida e a salutar em pé. Ele é isso: uma personalidade do país; tem que ter postura e compostura, e tem. É um homem grave, de acordo, Sr. Mário. Mas daí a estar desalentado e comalido! O meu escritor anda feito um menino com o novo brinquedo que é o novo livro. A alma está estirada e de nariz para o alto. Teve e tem momentos nublados, como eu, como o Dr. Mário, como todo mundo. Momentos enfarruscados (Maranhão, 2004, p. 173-175).

Esses trechos grafados na escrita ininterrupta, tal como prevê o ofício epistolar, contêm aspectos problematizadores no que diz respeito aos fatos “reais” e propriamente biográficos, haja vista que os códigos estão desprovidos de seus sentidos referenciais, ou seja, exteriores ao texto literário. “A” de Ayres e de Assis é revelado nas suas intimidades e preferências em relação às amizades segundo nos diz Leonora. E, desses entrecruzamentos de significantes que se apropriam de outros significados que se esvaziam, a constituição do diário finda na confissão da angústia de Leonora ao ver seu mestre, lentamente, ser corroído pela doença, o que, em última instância, não deixa de ser uma representação niilista do próprio Machado.

As reminiscências dos arquivos que prometiam ficar no esquecimento foram retomadas pelo autor da narrativa, que as arranjou em formatos diversos no dever de reescrever a tradição com a repetição do não-dito, ou melhor, com a adição de suplementos que se costuram à ficção, tornando-a uma imensa rede de informações. Entretanto, há ainda uma última correspondência entre o Conselheiro Machado e Leonora. Desta vez, é de punho próprio do escritor a emissão da mensagem comunicando que, dessa vez, será mesmo o fim de tudo, e pinga-se o ponto final. Outrossim, esse fragmento da diegese se redimensiona e o que, até então, havia sido uma carta de fundo ficcional adquire o formato de um anúncio de jornal em 1990, fato que comprova um avanço temporal significativo:

Eram 3 horas e quarenta e cinco minutos de 29 de setembro quando o Conselheiro Ayres enfim cessou de respirar. Os olhos exorbitavam-se, e assim estagnaram. Olhava com perplexidade para um lugar que especialmente lhe chamava a atenção, de onde não se afastava; enxergava em negro ou em branco, o que dá no mesmo, porque assim, branco, negro, negro, branco, é que é o nada. Fecharam-lhe as pálpebras; é o costume. Logo acudiam os que moldaram a máscara do morto no seu primeiro minuto, quando é possível que o último nervo dê ainda a impressão de se mexer. O rosto eternizava-se com peremptória dureza. Não se conhecem máscaras mortuárias alegres; absolutamente não se conhecem. Morte e alegria não se coem. Há um enigma e uma crispação que não deixam entrar festejações. A morte é densa; é um repelão; é fundamentalmente solene.

Praia do Flamengo, novembro de 1990
(Maranhão, 2004, p. 180-181)

Por fim, nesse jogo de espelhos, a alternância entre as vozes nas cartas amplia-se à medida que o romance avança. José Veríssimo e Dr. Mário de Alencar, por várias vezes, assumem o comando da narrativa na forma de troca de cartas, como exposto anteriormente. Os capítulos suplementares que se valeram da prosa machadiana conservaram, de certa forma, seus respectivos narradores, embora construídos de forma a contribuir na formação do quebra-cabeça. Vários capítulos são sustentados por vozes que discutem as peculiaridades da ficção de Machado, mas que não perdem a oportunidade de criar reflexões pautadas numa espécie de autocrítica bem-humorada, típica do narrador pós-modernista, mas já presente nos narradores machadianos e outros narradores modernos.

Referências

- ARANHA, G. Introdução. In: ASSIS, M.; NABUCO, J. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2003. p. 21-86.
- ASSIS, M.; NABUCO, J. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Topbooks/Academia Brasileira de Letras, 2003.
- AZEVEDO, L. “Autoficção e literatura contemporânea”. In: VIOLA, A. F. (org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p.143-164.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DIAZ, B. *O gênero epistolar ou pensamento nômade: Formas e funções da correspondência em alguns percursos e escritores no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 144-162.
- HAROCHE-BOUZINAC, G. *Escritas epistolares*. Trad. Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- GAY, P. O traço comum. In: GAY, P. *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 337-376.
- GARRAMUÑO, F. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- KAFKA, F. *O veredicto/ Na colônia penal*. Trad. Modesto Korone. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LINHA D'ÁGUA

KRYSINSKI, V. Sobre algumas genealogias e formas de hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e apresentação Zênia de Faria. *Criação & Crítica*, n. 9, p. 230-241, 2012.

MACIEL, S. D. A Literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, A. R. & MACIEL, S. D. (org). *Em diálogo: estudos literários e linguísticos*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. p. 75-91.

MARANHÃO, H. *Memorial do fim: a morte de Machado de Assis*. São Paulo: Planeta, 2004.

PEREIRA, L. *Machado de Assis: um estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PIGLIA, R. *O último leitor*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIZA, D. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.